



entrevista com

# reinaldo cordeiro

*Entrevista com Reinaldo dos Santos Cordeiro, músico, nascido em Taguatinga-DF em 23 de agosto de 1971. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 15 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

*[Toca viola caipira e canta a música "Viola", de autoria de Antônio Victor e Saturnino Pereira:]*

*Viola é de madeira*

*Tuas cordas são de aço*

*Meu peito é de sentimento*

*Teu berço são os meus braços*

*Viola é rio de riqueza*

*Paixão feita em correnteza*

*De ponteios e cantorias*

*Viola é o poeta*

*Viola, paixão secreta*

*Viola é poesia*

*No braço desta viola*

*Ganhei amor vida afora*

*Paguei doando alegria*

*No braço desta viola*

*Ganhei amor vida afora*

*Paguei doando alegria*

*Êêê viola*

*Viola é o viajante*

*Cruzando muitas fronteiras*

*Viola é boi, é boiada*

*É terra, é chão, é poeira*

*Viola da minha palma*

*Viola marcou minha alma*

*Desde quando eu pequenino*

*Viola de riso e pranto*

*Viola que eu amo tanto*

*Viola foi meu destino*

*Dez cordas, dez juramentos*

*Viola, dez mandamentos*

*Viola, som genuíno*

*Dez cordas, dez juramentos*

*Viola, dez mandamentos*

*Viola foi meu destino*

*Êêêê viola*

**Reinaldo:** Boa moda, Antônio Victor.

**Domingos: Quem é o autor?**

**Reinaldo:** Antônio Victor. Antônio Victor é compositor da música “Operário, vida e viola”, “Alma gêmea”, que Chico Rey e Paraná gravaram.

**Domingos: Sim. Reinaldo, quero agradecer desde o início, quando entrei em contato contigo, a atenção.**

**Reinaldo:** Estamos juntos.

**Domingos: Agradecido mesmo! Beleza pra começar a prosa... Reinaldo, você é natural de onde?**

**Reinaldo:** Sou natural de Brasília. Nasci aqui em Taguatinga no Distrito Federal. Graças a Deus, criado aí nessa cidade.

**Domingos: Seus pais são de onde?**

**Reinaldo:** Rapaz, a minha família é uma mistura danada. Meu pai é paraibano, lá de Umbuzeiro, na Paraíba. Minha mãe mineira. De Uberaba. E eles se conheceram em Mato Grosso do Sul, na região ali de Dourados, Deodópolis, Ipezal. Perto da fronteira, perto de Ponta Porã na fronteira com o Paraguai. Eles se conheceram lá, casaram e vieram pra Brasília depois. Família nossa é toda montada! *[Risos]* Tem um pouquinho de cada parte do Brasil!

**Domingos: Como era Taguatinga na sua época de infância?**

**Reinaldo:** Rapaz, era uma cidade começando, tudo começando é mais difícil. Uma cidade simples, bem simples, era uma cidade satélite já bem promissora e uma cidade da infância pobre, infância simples. Aquela infância de menino jogando, a gente chama de finca, no chão, carrinho, ficava brincando, bolinha de gude, soltar pipa, jogar bola na rua. Era uma infância bem simples aqui, a cidade veio sendo construída com o tempo. A parte de águas pluviais, esgoto, asfalto, tudo foi vindo. Iluminação veio, quando botaram luz na nossa rua nós brincamos até não aguentar mais. Porque pra gente era novidade poder brincar com a rua toda iluminada. Então Taguatinga foi crescendo e nós fomos crescendo juntos, porque nasci em Taguatinga bem no início. Sou filho de Taguatinga, pude ver a cidade crescendo bastante.

**Domingos: E você tinha algum envolvimento com música nessa época?**

**Reinaldo:** Rapaz, eu sempre gostei de música. Cresci ouvindo Milionário e José Rico, Sérgio Reis, músicas do Tião Carreiro e Pardinho. A minha família sempre foi muito alegre, muito musical. Minha mãe tocava, fazia umas três ou quatro notas no violão, brincava um pouco, sempre tinha alguém que chegava em casa trazendo um violão, trazendo uma viola. Então sempre cresci ouvindo música, principalmente a música caipira. Ouvia também, lógico, a Jovem Guarda estava tocando bastante, a gente ouvia bastante coisas. Eu cresci dentro dessa linha da música. Eu cantava músicas sem nem poder falar direito, eu cantava embolando as letras, já cantarolava. Cresci, Milionário e José Rico era de praxe ouvir, Tião Carreiro e Pardinho. Aqui na nossa região não tocava tanto, a gente não tinha tanto recurso, mas sempre... Depois veio Almir Sater, Renato Teixeira e eu comecei a entrar mais pra esse universo da música raiz, conheci um pouco mais.

**Domingos: Em Taguatinga, nesse primeiro período, vinham shows musicais pra cá?**

**Reinaldo:** Ah, sim. Nós tínhamos uma feira que era muito boa, a FACITA, Feira da Indústria e Comércio de Taguatinga, era a maior feira da região. Então vinham os cantores a nível nacional, a feira era lotada, a exposição de todos os produtos da nossa cidade nós tínhamos lá. Eu me recordo de Chico Rey e Paraná fazer show e depois estar no povo ali andando. É muito bonito isso. Me recordo de uma vez que Sérgio Reis veio fazer um show, Chico Rey e Paraná tocaram e depois ele chamou eles pra voltar pra cantar a música “Operário, vida e viola” que é uma música do Antônio Victor, chamou os meninos pra cantar de novo. Então Taguatinga tinha muita coisa boa, vinha muita gente. As duplas caipiras, os cantores em geral, você tinha Zé Ramalho que vinha também, a Gretchen na época era um sucesso. Tinha muita gente boa que vinha pra Feira.

**Domingos: Você se recorda se nesse período tinha algumas duplas, artistas de Brasília?**

**Reinaldo:** Tinha: Princesa e Paloma, Clayton Aguiar, o próprio Chico Rey e Paraná, Zé Mulato e Cassiano era um nome que eu já ouvia, com treze, quatorze anos. Eu lembro que ouvi uma música deles, começou a tocar em rádio, era mais na AM, lá em casa minha mãe ouvia muito AM, compadre Juarez Fernandes, era um programa. Se você quisesse arrumar briga com ela,

sumisse com o radinho dela, desligasse, a briga estava feita. Tinha muitas, Princesa e Paloma como eu disse pra você, Clayton Aguiar. Tinha uma dupla muito boa Norivaldo e Cleonito, era uma das duplas que vi em Brasília de grande qualidade. Infelizmente, num acidente, o Norivaldo veio a falecer. Foi a primeira vez que eu vi a turma de viola, de músicos de Brasília, todo mundo junto. Estava todo mundo no dia e foi marcante pra mim porque a gente menino, fica olhando sem entender muito o que está acontecendo e todos os artistas juntos, você tem uma dimensão muito grande do que é os artistas. Você acha que o artista está num patamar, que ele é um ser diferente de todos os outros, quando é criança a gente imagina muito isso. Ali eu vi os artistas todos juntos, apesar de ser um momento triste, pra mim foi fantástico ver a turma toda por perto e foi um aprendizado. Tive a felicidade de cantar com o Norivaldo uma vez, era gurizinho, e ele falava pra minha tia - minha madrinha que mora lá na L Norte, mora aqui em Taguatinga -, falou pra ela: “Ó, esse menino vai ser cantor.” Ah, isso pra mim, eu ganhei a vida! E até hoje eu lembro. Estou até tentando resgatar uma música deles na infância, tentando achar alguma gravação para ver se eu toco essa música novamente. É “O barquinho” só lembro do título da música. Mas é muito bom, teve muita gente boa, Brasília tem muita gente boa.

**Domingos: O que representava o Plano Piloto nessa época, você ia pro Plano?**

**Reinaldo:** A gente ia pouco. O Plano era o lugar dos ricos e aqui era a região dos pobres, era meio dividido. O pobre ia pra trabalhar lá pros ricos. Era mais ou menos assim que funcionava! *[Risos]* Tinha coisas muito boas no plano, a gente brinca assim, mas tinha coisas muito boas. Por exemplo, me recordo de assistir, pela escola, a troca da bandeira. Tinha todo um trabalho, a gente ia passear no Parque da Cidade, mas mais pela escola. Porque a região de Taguatinga era pessoas muito humildes, que não tinham recursos para estar indo. Então depois de certo momento começou a ficar mais fácil pra gente ir, mas era restrito, a gente tinha o quê? No Plano a gente tinha a Água mineral, a Esplanada [dos Ministérios] e o Parque da Cidade. Tinha três opções.

**Sara:** Piscina de ondas...

**Reinaldo:** A piscina de ondas era o atrativo nosso, tínhamos uma piscina, era bonito lá. Fazia parte do nosso dia a dia. Não é que fazia parte do nosso dia a dia, fazia parte da nossa vontade de ir lá. O dia a dia nosso mesmo era jogar bola por perto aqui, arrancar o tampo do dedo no asfalto! *[Risos]* Esse era o nosso dia a dia. Graças a Deus, Brasília foi sendo democratizada pra todo mundo com o passar do tempo, foi se quebrando isso. Hoje você tem facilidade, metrô, ônibus, você vai com facilidade. Mas é muito bonito, foi muito bom.

**Domingos: Taguatinga, teve um violeiro que a gente entrevistou, ele pegou um período que ainda tinha muitos barracos. Você chegou a ver isso?**

**Reinaldo:** Eu morava num barraco. O barraco nosso era bom, rapaz, era divertido. Na época do calor era quente de verdade. Na época do frio você tinha uns ventinhos que vinham abanando na orelha. Eu me lembro que colocava na greta das madeiras, ia colocando uns

papezinhos pra tampar onde os buracos eram mais firmes. Uma vez apareceu uma goteira em cima da minha cama. Eu olhava, era alta, falava, vou ter que dar um jeito. Eu peguei um pauzinho, enfiei um plástico na época da chuva. Escorria pela goteira e caía no balde, eu dormia sossegado, não tinha mais a goteira caindo em cima da cama! *[Risos]* Era divertido! Graças a Deus, o nosso meio era com pessoas muito simples, tinha muito barraco, muita gente muito simples, mas eu acho que vivia muito bem porque você partilhava o que tinha. Você chegava na casa de um colega. Eu lembro da Dona Maria lá na QNF. Falava: “Ô, Dona Maria, Toninho está aí?” “- Vem aqui, menino, come um pão de queijo.” Aí você comia um pão de queijo, tomava um café, tomava um suco. Você estava brincando ali, dali a pouco uma das mães chamava todo mundo pra lanchar. Era o que tinha, quando era muito chique era um pão de queijo. Normal mesmo era um pãozinho com manteiga, um suco daqueles de pacotinho e estava tudo certo. Pra gente existia algo diferente do que tem hoje. Hoje se tem muito, eu até brinco, tem muito e não tem nada. Porque, às vezes, você mora num apartamento luxuoso e não conversa com ninguém do lado, não tem afinidade, não tem entrosamento. Os meninos, às vezes, num condomínio chique, mas não tem interação. Os meninos não brincam, então a gente vê os meninos brancos, parece que tomaram banho de sabão em pó, porque não toma nem sol. A gente ficava brincando, de tardezinha as mães saíam pra chamar os meninos, aí cumprimentava, conversava. Então existia mais amizade, embora fosse muito simples, era muito rico. Muito rico de afetividade, muito rico de carinho, muito rico de amizade. São amizades que a gente carrega pra vida inteira.

**Domingos:** *Aí você foi crescendo, na adolescência, como você foi se aproximando da música?*

**Reinaldo:** Eu sempre gostei de música. Uma vez meu padrasto comprou um violão Tonante, na época, acho que ele ainda tem esse violão. Comecei, minha mãe me ensinou as três posições que ela sabia. Falei: “Opa, já sei tocar alguma coisa!” Participei, tem um amigo meu, José Wilton, me ensinou mais um bocadinho de coisas. Eu comecei a tocar na igreja, acho que com doze, treze anos, comecei a tocar nas missas. Fui buscando aprender mais. Aqui em Taguatinga tinha um grupo, na paróquia São José, o grupo FUC, Felizes Unidos em Cristo, e era um grupo de referência a nível musical. As pessoas vinham de longe, colocavam um gravadorzinho do lado, na época da fita cassete, pra gravar o grupo tocando. Lá tinha músicos muito bons Hebert, Jucelino, Neifran são pessoas que eu convivo até hoje, inclusive. E cheguei pra aprender umas músicas com eles, comecei a tocar, eles falaram: “Cara, vem tocar com a gente.” Então pra mim era um mundo diferente, tocar com os caras que eu admirava. E comecei a tocar com eles, na música ali é onde comecei a tocar. À noite, nos sábados, a gente saía pra casa de alguém, porque não tinha dinheiro pra estar indo em cinema, pra estar saindo. Eram todos de Taguatinga, pessoal muito bacana, então a gente tinha facilidade de andar, não tinha o perigo que tem hoje, sentava numa casa, numa varanda e ali a gente tomava suco, tocava violão, na época mais era violão. Muita MPB, era o forte deles, tocavam muita MPB e eu tocava caipira, já tocava música sertaneja junto com eles. Crescemos fazendo isso, foi meu primeiro contato com a música no nível, digamos

assim, mais técnico. Depois foi caminhando, foi surgindo, foi aperfeiçoando, entrando em festivais. Participei de festivais de música MPB em Brasília, sempre cheguei nas finais, Graças a Deus, sempre teve um trabalho nosso, conseguimos um bom resultado. E era só violão, depois eu passei pro violão de doze cordas, também em festivais de MPB.

**Domingos: Quais eram os nomes desses festivais, você lembra?**

**Reinaldo:** Cara, tinha o Festival de Música da Sagrada Família. Tinha o Festival de Música de Taguatinga, que era pela Secretaria de Cultura. Os que lembro mais eram esses e outros festivais de igreja. Existia muito festival de igreja em que se tocava MPB, tinha muito festival entendido pequeno, festival mais interno, era mais pra gente se reunir, davam nome de festival, mas tinha essa conotação. O Festival da Igreja Sagrada Família era conhecido na região toda, tanto que os organizadores de lá organizavam o Festival de Taguatinga. Eu tive oportunidade de participar também, acho que foi em [19]92, 93, eu fiquei entre os finalistas. Na época ganhei uns trocados bons com aquele negócio, rapaz. Foi até engraçado que a minha filha, a mãe da minha filha tinha engravidado e a gente não tinha dinheiro pra comprar nada. Eu fui, ganhei o festival, pensa na festa que foi, pra juntar, rapaz, já deu o enxoval da menina. A música salvou a pátria agora! *[Risos]* Foi até com a música “Sonho de regressar”, da Rosália Porto. Música boa, naquela época ela já falava dos problemas que a gente vive hoje, parece que ela escreveu naquela época e não mudou nada de lá pra cá. A música “Sonho de regressar”, falava da dificuldade do povo, da falta de conhecimento político. Era música de protesto, na época, protesto de 92, serve pra hoje. Alguma coisa está errada, não está? Alguém não mudou, não é? *[Risos]*

**Domingos: Rosália Porto ela é brasiliense?**

**Reinaldo:** Ela nasceu em Mato Grosso, é minha tia, escreve muito bem e eu gravei umas três... Gravei não, gravar eu gravei só essa música dela, mas eu musiquei umas quatro ou cinco canções dela. Essa foi uma das que nós fizemos um trabalho muito bom, ela esteve no primeiro CD nosso, “Sonho de regressar”.

**Domingos: Você lembra pra tocar ela?**

**Reinaldo:** Vou tentar, não sei se lembro, vamos ver o que sai aqui...

*[Toca instrumental na viola caipira a música “Sonho de regressar”, de autoria de Rosália Porto e Reinaldo Cordeiro:]*

*A vida no sertão não se altera*

*Na cidade tudo é diferente*

*No sertão os jegues são os burros*

*Na cidade os burros são a gente*

*No sertão tem muitos bichos*

*Tenha medo não*

*Cidade tem presidente*

*E até um tal de leão*

*Chore não, chore não*

*Eu vou voltar pro meu sertão*

*Chore não, chore não*

*Eu vou voltar pro meu sertão*

*A vida no sertão é difícil*

*Porque não tem progresso*

*Na cidade o atraso é maior*

*Porque tem um certo Congresso*

*No sertão tudo é tranquilo*

*Na cidade tudo é confusão*

*Cidade tem carro bonito*

*Carro de boi não engarrafa não*

*Chore não, chore não*

*Eu vou voltar pro meu sertão*

*Chore não, chore não*

*Eu vou voltar pro meu sertão*

*Não fique triste menina*

*Nem tudo está perdido não*

*Ainda existe a esperança*

*Eu voltar pro meu sertão*



**Reinaldo:** Bem atual, não é? Continua falando o que nós vivemos hoje, acho que o maior atraso no nosso país é o nosso Congresso mesmo, atrasa muito nosso povo, não faz com que o Brasil cresça, não trabalha pra que o Brasil cresça. A música eu acho interessante, você vê, essa música participei no Festival, foi em [19]91, não foi nem em 92, foi no final de 91. Ela fala do que existe hoje, a gente já falava do carro engarrafar, em 92, imagina hoje! Hoje você não anda mais nessa cidade, pra sair, pra rodar um quilômetro, um quilômetro e meio você gasta, às vezes, uma hora. E o povo nosso deixou de andar a pé, como andava antes, deixou de juntar três, quatro e ir num carro só. Hoje o egoísmo, o individualismo tomou conta. E a música permite isso, você falar de coisas alegres, permite você fazer um protesto, marcar um momento romântico, marcar o nascimento de um filho, então tem de tudo. Essa foi “Sonho de regressar” da Rosália Porto e Reinaldo Cordeiro. *[Risos]*

**Domingos:** Legal Reinaldo! E você começou a usar o violão de doze [cordas] simulando viola?

**Reinaldo:** É, essa música já foi com violão de doze [cordas], eu fazia um arranjo no violão de doze. Na verdade eu gostava muito da viola, mas a viola era um sonho distante, a viola estava lá eu estava aqui. Eu achava que viola ia ser muito difícil eu tocar, até pra comprar uma viola, pra mim, na época, era complicado. A gente tinha Zé Mulato e Cassiano, faziam viola aqui em Brasília. Tinha um pessoal que tocava, mas o mais conhecido eram eles, eu não tinha acesso a outros violeiros. Escola de viola não existia perto, pra mim aqui. Depois veio a escola de viola no Plano [Piloto], a Escola de Música [de Brasília], mas pra gente aqui não tinha. Você tinha que aprender mesmo com alguém por perto e eu não tinha um violeiro por perto, então eu vim tocando violão de doze cordas. Sempre gostei, por causa da sonoridade próxima da viola, algumas coisas. Acho que tem diferença grande, a maneira de tocar, tudo, mas era o que eu tinha mais próximo da viola. Então me permitia fazer “O menino da porteira” *[Toca trecho instrumental na viola]* Tinha um som muito parecido com esse. Com o passar do tempo, usando nos shows, gravei o CD “Pescando em Goiás”... Quando eu comecei a tocar profissionalmente, porque aconteceu que eu tocava MPB, tocava nos barzinhos, eu tocava violão e tocava MPB. Toquei no Cantoria, nas casas mais antigas de Brasília, Coliseu, Spazio, onde tinha casas dançantes eu toquei em várias. Depois, com o passar do tempo me chamaram, um dia um amigo meu falou: “Cara, é tão bom ver você tocar música raiz. É tão gostoso ver você tocar música caipira. Por que você não dedica mais a isso e vai esquecendo esse outro lado?” Eu tenho uma empresa na área de informática, me dedicava às duas atividades, até hoje, são duas atividades bem diferentes. E eu passei a tocar o violão de doze cordas mais na linha caipira. Fui tomando gosto e fui deixando o batidão da noite, do dia a dia, tanto que eu saí dos circuitos da noite, porque a viola caipira não tem muito espaço na vida noturna, a gente não tem muito espaço pra tocar. E fui fazendo a música raiz, nos shows sempre tinha um violeiro tocando comigo. Tocou comigo o Ivan Moreira, que era um violeiro fantástico, tocou comigo muito tempo, depois veio o Dudu da Viola. E o Gustavo Neto, que faz dupla Ênio Lima e Gustavo Neto, somos amigos de muitos anos, conheci ele na época da igreja ainda, na paróquia São José, ele fez viola comigo

algumas vezes, aí um dia ele falou: “Bicho, você não toca viola porque você não quer.” Falei: “Cara, é muito difícil isso aí. Você está doido?” Aí ele falou: “Vou levar uma viola pra você.” Aí chegou lá em casa com uma viola, falou: “Essa viola é sua, você me paga ela quando puder e como puder.” Falei assim: “Beleza, pagar a gente da um jeito, e tocar?” Ele falou: “Vamos aqui...” Começamos a brincar. Quando comecei a brincar com a viola o violão de doze foi ficando de lado. Tomei gosto, a viola te cativa, não é? Cada dia que você toca viola você vai estudando mais, vai pegando mais gosto pela viola. Isso tem uns seis anos, sete anos que eu comecei a me dedicar à viola e, de lá pra cá, nos shows o instrumento predominante meu é a viola. Raramente eu levo o violão de doze cordas, às vezes faço uma música ou outra no violão, no disco que a gente vai gravar agora vou ver se eu faço violão, viola e craviola. Até pra moçada nova ver os três instrumentos e ver a diferença de um para outro. Porque se a gente não movimentar a cultura mostrando o que é, a nossa cultura vai sumir, ela vai morrer. A gente confunde, era engraçado que eu saía, ia fazer, às vezes, alguma publicidade com violão de doze cordas aí saía: vai ter um show de viola com Reinaldo Cordeiro. Eu falei assim: “Vou ser preso um dia, cara vai me multar uma hora dessa, vai vir o Procon e falar: você está enganando o povo.” Aí o Gustavo Neto começou, graças a Deus, é um amigão, me mostrou a viola, fiz aula com ele um período. Falei: “Então você vai me dar aula de viola.” Ele: “Vou. Pra você largar de ser sem vergonha porque eu não posso tocar viola nos seus shows mais não. Por causa da dupla senão como é, eu sou músico de fundo fazendo show do outro lado.” Falei: “É Neto, você põe uma máscara, faz um trem qualquer, ninguém vai reconhecer você não!” Graças a Deus, foi brincando, numa brincadeira começamos, nós marcamos, é aula, vamos considerar aula, mas nós marcamos um ponto de encontro semanal, onde a gente tocava, conversava sobre os shows dele, sobre os meus e tocava uma meia hora, quarenta minutos. Tocava uma música de um, de outro, falava: “Essa música minha, fiz isso aqui na viola.” Ele: “Não, ficou legal, vamos mexer assim e tal...” Fomos trabalhando, é muito mais uma parceria e essa parceria é até hoje. O Neto participou do CD Caboclo Sertanejo, que eu gravei, o Neto foi o produtor artístico desse CD. Falei: “Não, Neto, produz pra nós aí.” O CD todo, que foi o CD nosso, teve viola de ponta a ponta, praticamente. Daí pra cá, se Deus quiser, enquanto eu tiver vida a viola está comigo todos os dias!

**Domingos: Que beleza! O Gustavo esteve aqui ontem com a gente e ele também tem um terço, isso aí foi uma influência dele ou não? Qual é a história?**

**Reinaldo:** *[Risos]* É uma influência. Eu sou católico e sempre tive a questão do terço muito presente na minha vida e Gustavo Neto, eu vi esse terçozinho, falei: “Pô esse terço está legal.” Falei: “Bicho, como você botou esse terço aí, você cortou a cordinha e botou?” Ele falou: “Não tem um encaixezinho e tal.” Falei: “Rapaz onde tem desse terço?” É uma influência muito positiva porque eu acho que a gente não pode esquecer também da nossa fé. Eu acho que hoje o mundo vive coisas muito ruins porque as pessoas se afastaram muito de Deus, perderam o temor, perderam o amor. Quando você tem uma fé, quando você mostra sua fé você também se policia. Você vê o terço, vê a cruz, você fala: “Opa, esse cara

tem alguma coisa.” Não é por estar somente. Então você acaba tendo regras pra você mesmo, você mesmo vai se policiar. Também é muito bacana, como você viu, a influência do Gustavo Neto é influência muito positiva. É gente boa ele, eu gosto muito dele.

**Domingos: Legal! E a viola aos poucos foi sendo o carro chefe aí?**

**Reinaldo:** É. A viola. Tem hora que a mulher fala assim: “Você gosta dessa viola, hein?” Eu falo: “É. Você e da viola. A gente vai ajeitando, não é? Ajeita aqui, ajeita acolá...” [Risos] Ela brinca, fala: “Ele tem mais ciúme da viola do que de mim.” Falo: “Não, cada um tem seu lugar.” [Risos] Mas a viola tornou-se parte de mim hoje, igual eu falo: “Rapaz, se quiser me punir não precisa me botar na cadeia não, me proíbe de tocar viola.” Fala: “Você nunca mais vai tocar viola.” Está punido já. Porque a viola é muito importante pra mim, eu vou gravar uma música agora, inclusive do Gustavo Neto, que fala dos melhores amigos: Deus, a viola, são os melhores amigos dele, na música fala isso. Inclusive, você vê como a viola é, eu chamei o Ministério Eterna Luz, que é um grupo católico muito forte aqui em Brasília e nós produzimos um show chamado “Deus, a viola e eu”, onde eles faziam a parte religiosa e eu entrava com a música caipira, porém religiosa: “Couro de boi”, músicas que têm uma mensagem que se você buscar na bíblia e fizer um estudo, cheguei a fazer isso pra uma palestra que fui dar uma vez. Você tem todos os elementos, na música caipira, você vai encontrar tudo dentro da Bíblia, em algumas canções. Você pegar “Berço de Deus”, por exemplo, que o Milionário e José Rico gravou, se você for ler o livro de Gênesis, vai achar tudo que ele criou, está ali naquela música. Aí eu fiz essa interação e fiz esse trabalho com ele. Então é Deus, a viola e eu, pra onde eu for, graças a Deus, estamos aí.

**Domingos: Então quanto à sua carreira, a viola acabou também dando um novo rumo?**

**Reinaldo:** Ah, mudou total. Mudou totalmente porque através da viola eu conheci outro universo de músicos e de música. Hoje tive oportunidade de participar do Clube do Violeiro de Brasília, conheci Macedo e Mariano, Zé Mulato e Cassiano, uma dupla que eu sempre fui fã, mas nunca tive oportunidade de estar com eles, hoje, graças a Deus, a gente convive. Vou gravar, no CD que a gente vai lançar, música do Zé Mulato e Cassiano, uma parceria com eles. Então conheci muita gente boa, Vanderley e Valtecy, Marcos Mesquita, Roberto Corrêa. Particpei de eventos de viola caipira, dos Encontros de Violeiros, tive oportunidade de estar com Almir Sater. Tive oportunidade de estar com o Lucas Reis e Thácio, de ver a viola com a molecada tão nova. É isso: a viola vai crescer à medida que a gente for levando novos meninos, passando para novas gerações, Bruna Viola... A viola mudou, hoje faz parte da minha vida, faz parte do dia a dia. Hoje sou reconhecido como violeiro, ninguém lembra da fase da MPB, só quem conviveu comigo, então a viola me levou a um universo maior. Tem uns meninos que me mandaram muitas músicas boas: Rafael Henrique e o Campo Grande, são lá de Franca, gravei muita música deles, no próximo CD eles vão estar com a gente também. Depois da viola, meu amigo, depois da viola mudou. O Reinaldo Cordeiro ganhou outra proporção!

**Domingos: Legal! Eu vejo os violeiros falando sempre que ser violeiro vai além da questão musical. Pra você tem um pouco disso também?**

**Reinaldo:** Total, vai muito além. Porque a viola está presente em tudo que a gente faz hoje e ela te permite... Por que ela vai muito além? Pela amizade. A viola te permite uma amizade muito mais sincera do que eu vejo em outros segmentos, não vou falar só da música, mas a viola, você pode ver que música de viola normalmente não tem pornografia, não tem sacanagem, não tem depreciação da mulher, não tem depreciação da família. Você forma amigos muito fortes. A viola é solidária, se você fizer um projeto solidário e falar: "Preciso de ajuda, preciso de alguns amigos aí para compor um show solidário." Você não consegue arrumar espaço pra todo mundo. Eu tive oportunidade agora, tem uma menina, Caroline Souza, ela é carateca aqui de Brasília e estava precisando de apoio, então nós resolvemos fazer um show chamado "Viola em ação". Fizemos até aqui em Vicente Pires. Na hora que eu falei: estou precisando de ajuda... Fui ligando, falei: vou levar mais dois amigos pra fazer três atrações no evento. Liguei pro Macedo e Mariano e os Mineiros de Urucuia. Mas foi na hora de ligar, falar, e os outros já botaram: "estou à disposição, se precisar estou aqui, quando você fizer um próximo." Então a viola é solidária. Fizemos a "Serenata caipira" com o Macedo e Mariano, o Mariano fez o trabalho, teve a ideia e reuniu a violeirada, uma boa parte dos violeiros que puderam, fizemos um trabalho muito bonito percorrendo a casa dos pais. Raramente a gente tem homenagem pro pai, pai normalmente só serve pra pagar conta. Dessa vez nós tivemos um trabalho com os pais e a "Serenata caipira" rodou Brasília quase toda, tinha pais indo nos quatro cantos, praticamente, nós rodamos fazendo uma homenagem pros pais. Então a viola caipira é isso, por isso que ela vai muito além de ser músico somente.

**Domingos: Beleza! E como você vê a presença da viola no Distrito Federal?**

**Reinaldo:** Hoje eu vejo a viola muito crescente no Distrito Federal. Por quê? Por um trabalho que vem sendo feito há muitos anos por Zé Mulato e Cassiano, o Clube do Violeiro [Caipira de Brasília], por exemplo, foi determinante nisso. Aí você tem Roberto Corrêa que é um nome nacional, Marcos Mesquita... Você tem Aparício Ribeiro, vários músicos que conseguiram vir trabalhando a viola e trazendo a viola mais próximo do povo. Os encontros, Folias, vêm sendo feitos sistematicamente todos os anos, conseqüentemente, isso vem mantendo uma tradição, as pessoas começam a procurar. O que eu acho que falta pra viola caipira é os donos de casa noturna valorizarem um pouco mais os violeiros financeiramente, vamos falar claramente, financeiramente. O pessoal acha que o violeiro toca a troco de cachaça e pinga, não, e comida. Ah, vai ter um churrasco lá em casa, leva a viola. Eu até brinco: "Se eu fosse dentista tinha que levar a cadeira?" Então violeiro não está passando fome, violeiro não está tocando a troco de pinga. Violeiro gosta de se divertir, gosta de brincar, mas ele é um profissional da música como todos os outros. Então acho que as casas noturnas abrir espaço, tem público, tem gente que gosta, mas não existe ainda a ideia de que as casas noturnas tenham espaço da viola caipira. Você pega lá a Morada du Capiiau, em Franca, tem dia que eles tocam uns modão e lota! A gente precisava que os donos das casas

noturnas reconhecessem e criassem espaço pro violeiro. Para 2020, a gente vai ver se faz um trabalho numa casa noturna, num restaurante muito bom, aqui em Brasília, que as pessoas podem sentar e apreciar boa música. A gente está negociando esse projeto pra 2020, mas é um projeto, é um ou outro que surge, então falta espaço pro violeiro tocar profissionalmente. Fora os eventos do governo, quem mais apoia inclusive, quando apoia, quando a Secretaria de Cultura define os eventos é quem dá o melhor recurso. Fora isso violeiro sofre pra tocar aqui em Brasília.

**Domingos: Pra você, viver numa cidade tão diversa como Brasília, o Distrito Federal como um todo, como é?**

**Reinaldo:** Eu acho que a base de tudo é o respeito. Você respeitar as diferenças, respeitar o gosto de cada um. Eu gosto de MPB, gosto de rock, gosto de ouvir uma boa música, independente do estilo. Um piano bem tocado, toda música bem executada, Brasília tem, não é só a questão musical, a diversidade em Brasília envolve política, envolve educação, porque Brasília é uma cidade muito aberta. Ela não tem uma cultura específica dela, como você vai no Rio [de Janeiro], você vai em Mato Grosso do Sul, você vai no Nordeste, você chega ali e identifica elementos culturais do povo. Tanto que quando as pessoas saem dessas regiões, elas chegam, você já fala: “Opa, esse cara aqui é do Rio Grande do Sul. Esse aqui é do Nordeste. Opa, esse aqui é do Rio de Janeiro, São Paulo.” Brasília não, Brasília tem um pouquinho de cada um, então você tem que aprender a conviver com essa diferença. Você vai ter o cara que acha que a música caipira é cansativa, é música de velho, é música que não dá nem pra ouvir e vai ter o cara que vai pagar pra sentar na primeira fila, pra ver você tocar. Tem a ideia da capital do rock, Brasília foi um celeiro muito grande do rock e Brasília está crescendo muito, na questão de viola, nessa abertura. Eu acho que daqui mais uns anos, se houver um trabalho mais forte, nós vamos ter um apoio cultural nesse sentido, nós vamos ter a viola caipira num patamar maior ainda, a nível do Brasil. O pessoal olhar pra Brasília e falar... Porque hoje a maior referência que nós temos é Zé Mulato e Cassiano. É a maior referência, você chega em qualquer canto do Brasil, nos lugares que eu fui até hoje, exceto cidade de praia, mas o restante do Brasil onde eu já passei, cara, quando você fala que é de Brasília, falam: “Você toca música de Zé Mulato e Cassiano? Você conhece Zé Mulato e Cassiano?” Então essa diversidade musical, diversidade cultural, diversidade de conceitos que a gente tem em Brasília só existe um jeito de você conviver bem: com respeito. Respeitar todas as opiniões e cada um correr no seu quadrado, todo mundo junto e misturar. Eu gosto muito da mistura, já tive oportunidade de tocar com uma pianista clássica, Christine Navarro fazendo piano clássico, um piano de cauda, num teatro e eu fazendo viola. Em 2011, 2012, coisa que a gente já faz. Eu quero fazer um show com um camarada fazendo guitarra, um amigo meu que é guitarrista, quero pegar uns clássicos do pop rock, eu fazendo na viola e ele fazer. Por que não? Por que não mostrar: olha, a viola pode caminhar por essa diversidade que tem. Tocar MPB, essa música “Sonho de regressar” eu nunca toquei na viola. Foi a primeira vez que toquei ela na viola, lá em casa, quando eu vou tocar, pego o violão de doze. Quando eu compus: puramente MPB, na linha da MPB, por

que a gente não pode? Do mesmo jeito que eu tenho que conviver com a música, em todos os segmentos, em Brasília, também conviver com a questão política, que Brasília é muito polarizada. Acabar com essa polaridade, entender que existem opiniões diferentes, mas que cada um vai fazer o seu trabalho, independente de ser uma oposição A ou B, o respeito pra tudo é fundamental.

**Domingos: E você tem impressão de que quem é de fora de Brasília tem uma visão equivocada daqui?**

**Reinaldo:** Sim. Pessoal de fora acha que Brasília é lugar de ladrão. É o que a gente mais escuta: “Ê, lá que é a terra do marajá, terra do ladrão.” Eu sempre respondo: “É, verdade, mas são os seus, que você vota e põe lá. Porque nosso lá só tem uns quatro ou cinco, o resto vem de fora.” Eu costumo dizer: “Você tem que ir em Brasília e ver duas Brasília. Você vai ver a Brasília da Esplanada [dos Ministérios] e tem que ver a Brasília do entorno como um todo.” Brasília é um lugar de pessoas trabalhadoras, de pessoas guerreiras. O cara que sai de Valparaíso pra vir trabalhar em Brasília, ele sai de lá cinco horas da manhã pra chegar aqui às oito. O cara que mora lá no final da Samambaia, pra estar oito horas no serviço, ele pega ônibus, pega metrô. Igual o cara em São Paulo, igual o cara do Rio. Então nós precisamos ver Brasília: a Brasília do povo e a Brasília política. A Brasília política tinha que dar uma mexida nela, talvez trocar uns noventa e oito por cento das peças que tem, pra começar do zero, porque com o que tem não funciona não. Agora, a Brasília do povo merece muito mais do que é dado a ela. Merece mais espaço cultural, merece mais diversão, merece muito mais respeito. Sair daquela parte bonita que sai na televisão, se você andar dez quilômetros já... Você não precisa nem andar dez quilômetros, se você entrar um pouquinho fora daquele eixo já começa a ver barraco, ali depois da Vila Planalto, um pouquinho, barraco de um lado. Na Asa Sul ou na Asa Norte, saiu dos prédios, você andou um pouquinho pra dentro já tem lixo, já tem mato, já tem gente em condição de pobreza extrema, então não precisa nem andar os dez, doze quilômetros ao redor do núcleo de Brasília não. Uma cidade com os mesmos problemas que tem as outras, talvez até mais. Estava conversando com um rapaz da área que faz trabalho com estatística, proporcionalmente, considerando área geográfica, população e a quantidade de crimes, Brasília tem mais crime do que São Paulo. Ele falou pra mim, mostrando nos números, Brasília é mais violenta do que São Paulo. Só que a notícia aqui não corre como lá, se você vê o noticiário de outros estados, eu estava semana passada no Espírito Santo, no noticiário eles jogam pesado. Tem aqui também, se você pegar os noticiários policiais você vai ver que é tão feio quanto. Então Brasília política é uma coisa e a Brasília povo é outra. O Brasil tem que conhecer a Brasília nossa, a Brasília do Encontro de Folias, a Brasília que tem o cantor de MPB tocando ali num barzinho, a Brasília que tem as pessoas se reunindo numa casa pra fazer um churrasco, pra poder bater papo. A Brasília que tem uma diversidade muito grande é a Brasília que a gente precisa valorizar cada vez mais.

**Domingos: Você se considera candango?**

**Reinaldo:** Candango é quem veio construir Brasília e foi embora. O conceito real do candango é esse, mas criou-se a ideia do candango, quem nasce em Brasília é candango. Não, quem nasce em Brasília é brasiliense. Eu sou brasiliense porque eu nasci em Brasília, eu estou aqui, não pretendo... Pretendo mudar, no futuro, para um lugar mais tranquilo. Quando tiver criado os filhos todos, estiver sossegado, ir para um sítio, ficar ali escolhendo: hoje vou comer aquela galinha caipira ali, aquele porquinho ali é pra tal data... Minha ideia é essa, mas fora isso... Quem nasce em Brasília é brasiliense, quem ama Brasília. Eu não pretendo deixar de ter a minha casa em Brasília nunca, pretendo sair um pouco do núcleo central, que é cansativo, para uma chácara aqui por perto mesmo. Não quero ir pra muito longe não. Quem nasce em Brasília dificilmente vai embora, porque quando você vai pro Rio, São Paulo, fala: isso aqui é muito tranquilo, aqui é muito bom. Quando você vai pra algumas regiões, você sai, você vê o tanto que Brasília tem recurso. Eu viajei o interior do Brasil aí de carro, porque pegar um avião, descer em Fernando de Noronha, pegar um avião, descer nas praias de Natal, é fácil. Agora, eu quero ver você cruzar, sair de Brasília até o interior do Piauí de carro, parando nas cidadezinhas, você olha ao redor e fala assim: bom, se eu tiver um problema aqui estou lascado. Não tem saúde, não tem estrutura. Estive no interior do Maranhão também, vi o tanto que o povo é jogado de lado. Interior de Mato Grosso, é uma região muito rica, você saiu de Campo Grande, começa a andar pro interior, começa a ver a dificuldade do povo, você fala: mas como que vive aqui? Algumas cidades, porque falta o poder público chegar no interior. Então Brasília tem muito recurso, apesar de você ter uma saúde caótica, a saúde nossa está totalmente sucateada, não é de hoje, há anos que ela vem sendo jogada no lixo. Falar: "Ah, o governo atual é ruim." Não, pra trás é que destruiu, o de agora tem que construir, assim como outros teriam que ter construído e ninguém construiu. Porque eu lembro, quando era menino, ia no hospital de Taguatinga, o hospital brilhava. Brilhava, você não gastava mais do que trinta, quarenta minutos pra ser atendido, tomar medicação, passar na farmácia e pegar a medicação do tratamento inteiro. Era assim que funcionava quando eu era menino aqui em Brasília, você chegava no HRT [Hospital Regional de Taguatinga] as pessoas te tratavam muitíssimo bem, era um hospital público, melhor que hospital particular hoje. Não tinha fila absurda, você tinha uma espera normal e tinha tudo. Então Brasília foi sucateada ao longo dos anos, mas ainda é um bom lugar pra viver.

*[Toca na viola caipira e canta a música "Pássaro livre", de sua autoria:]*

*Desde pequeno gosto de passarinho*

*Fiz uma arapuça e com um arrozinho*

*Peguei um canário, levei numa gaiola*

*Levei ele pra casa pra ele cantar pra mim*

*Peguei um canário, coloquei na gaiola*

*Levei ele pra casa pra ele cantar pra mim*

*Todos os dias no entardecer*

*Pego minha viola, canto com o canarinho*

*Um canto bonito, bem afinado*

*Eu com a minha viola cantando com o passarinho*

*Canto bonito, bem afinado*

*Eu com a minha viola cantando com o canarinho*

*Um certo dia, no bar do seu Zé*

*Arrumei uma briga por causa de mulher*

*Veio um valentão, mandei a faca nele*

*Hoje estou preso igual o meu canarinho*

*Veio um valentão, mandei a faca nele*

*Hoje estou preso igual o meu canarinho*

*Um certo dia falei pro meu pai*

*Solta meu canarinho que está numa gaiola*

*Ele nada fez para estar preso*

*Ele foi feito pra cantar livre nas matas*

*Ele nada fez para estar preso*

*Ele foi feito pra cantar livre na mata*

*Todos os dias no entardecer*

*Pego minha viola, canto com o canarinho*

*Um canto bonito, bem afinado*

*Eu aqui dentro e ele solto lá fora*

*Um canto bonito, bem afinado*

*Eu aqui dentro e ele solto lá fora*



**Reinaldo:** É rapaz, nosso povo tinha que viver isso um dia. Pegar os camaradas que gostam de prender canarinho e prender, mas prender numa gaiola pequena, não é numa sala grande não. Botar os canarinhos do lado de fora solto cantando e ele lá dentro pra ele ver tanto que deve ser bom, não é?

**Domingos: Reinaldo, o que você considera sucesso?**

**Reinaldo:** Sucesso. Sucesso é uma pergunta interessante. Porque sucesso a gente almeja conhecimento, popularidade, dinheiro no bolso, tal. O sucesso pra mim, na vida, é você ter conquistas. Nem sempre essas conquistas são as conquistas financeiras ou reconhecimento nacional, o sucesso está em você estar feliz consigo mesmo com o que você faz. Muitas vezes a pessoa tem um sucesso popular e é depressivo, tem um sucesso popular e não tem amigo, não tem família, só tem pessoas como sanguessuga encostado nela. Pra mim, o verdadeiro sucesso é quando você faz o que gosta, quando você tem reconhecimento daquilo que você faz, é valorizado e respeitado pelo que você é como pessoa, esse pra mim é o verdadeiro sucesso. O sucesso popular, lógico, quem não gosta de chegar num lugar e ser reconhecido, ser lembrado? Pra mim sucesso é isso, é estar aqui hoje, ser lembrado pra estar fazendo esse documentário com vocês. Isso é sucesso, isso é reconhecimento. Isso que fez eu rodar mil e trezentos quilômetros ontem pra estar aqui hoje. Isso é sucesso. O sucesso não é o financeiro, não é andar na rua com neguinho pulando em cima de você. Porque a maioria das pessoas percorre esse sucesso e não o sucesso interior e depois ela se esconde, ela compra uma casa em Miami porque não pode andar na rua, ela não tem paz. Então sucesso pra mim é valorização do que você tem associado a paz e qualidade de vida.

**Domingos: Reinaldo, você é caipira?**

**Reinaldo:** É moço, é uma situação engraçada. Eu fui criado por uma família cem por cento caipira, uma família que veio da roça, que plantou, passou fome na roça e eu nasci em Brasília. Então falar o Reinaldo é caipira? Não. O Reinaldo tem o pé na roça? Sim. O pé que eu tenho é por quê? Porque a minha família sendo do interior, a influência minha... Eu fui muito pro Mato Grosso do Sul, fui muito jovem pra lá e frequentava algumas fazendas, então eu passei a ver e valorizar. Desde criança foi passado pra mim a importância do caipira, a importância de quem planta, a importância de quem produz, sempre dei muito valor, eu gosto das coisas. Acho que vem da origem também da genética, da família, da criação da família e eu gosto do caipira, não só do caipira enquanto musical, mas eu gosto da vida do caipira. É uma vida dura, uma vida sofrida, mas se você olha o caipira, ele vive. A gente fica aqui três horas no trânsito, o cara levanta e já está no trabalho dele. A gente paga pra ir pra um hotel fazenda ter um pouquinho do que o caipira tem e paga caro. O caipira, às vezes vou pro Mato Grosso, eu gosto muito de foto, é um dos *hobbies* que tenho e eu tiro algumas fotos lá. Esses tempos atrás mostrei pra minha tia, fiz um slidezinho, uma projeção em vídeo e mandei pra ela. Ela falou: "Isso é aqui em casa?" A beleza que o caipira tem lá é uma coisa tão bonita que nem ele mesmo, às vezes, tem noção da grandiosidade do que tem. E pra gente que vive esse mundo aqui de jogo de interesse, de vaidade, de carros.

Importante é o carro da moda, a pessoa compra um carro pra pagar em sessenta meses e diz que é dono do carro, o meu carro, e sessenta parcelas, não é dono. Lá não, o cara vai ali e come uma galinha caipira, às vezes o cara tem uma riqueza até financeira, muito maior do que a gente aqui, só que ele não ostenta nada. A vida do caipira é uma vida simples e essa simplicidade eu gosto muito. Então eu não sou caipira por natureza, e também não forço um sotaque caipira, como vejo algumas pessoas que, pra se dizerem caipiras, ou pra defender a viola caipira, tem que puxar um sotaque. Não. Eu sou filho de Brasília, nasci em Brasília, mas tenho grande valor ao caipira, fui criado na cultura caipira. Por isso eu sou caipira de coração.

**Domingos: E você reconhece esses valores caipiras na urbanidade?**

**Reinaldo:** Muito pouco. As pessoas não têm noção do que um caipira passa pra gente ter um litro de leite. Pra gente ter um litro de leite hoje é fácil, você vai no mercado, pega e está tudo certo. Eu tenho um espaço aqui na minha casa e chamei meu filho, tenho um filho com doze anos de idade e vamos fazer uma horta. Vamos embora, vamos fazer uma horta, pra que ele saiba o valor de preparar uma terra, adubar, arar, plantar a semente e depois colher. Hoje lá em casa a gente colhe alface, tomatinho cereja, berinjela, cebolinha, couve, tudo eu colho junto com ele. Então ele vê todas as fases até a colheita. Aqui é o consumismo. Na área urbana as pessoas não têm noção do trabalho que dá, então falam, às vezes, assim: “Nossa, é um absurdo o preço da carne.” Então cria um boi. “- O leite está caro.” Cuida de uma vaca pra você saber o que é você acordar três e meia, quatro horas da manhã. Eu acho que o pessoal, na área urbana, não dá o devido valor pra vida do caipira. Não é? Não tem noção do que é plantar, você plantar desde o início ali, você plantar uma horta. Faz uma horta caseira em casa, você vai ter que fazer controle de praga, vai ter que adubar. Eu fiz uma horta com meu menino, lá em casa a gente colhe de tudo um pouquinho. A gente colhe berinjela, jiló, alface, cebolinha, coentro, salsa. Isso tudo, eu consigo mostrar pra ele, mesmo estando dentro da cidade, o trabalho que dá. Hoje é muito fácil, você vai na prateleira, pega um alface, pega um leite. A dificuldade que é pro produtor, então essa parte rural eu acho que deveria ser melhor demonstrada, inclusive nas escolas, com vídeos, com documentários. Pra moçada daqui da cidade saber que esse alimento, que chega pra gente, alguém está acordando quatro horas da manhã lá do outro lado, alguém está suando pra que isso chegue. Às vezes critica-se o preço, o leite está caro, ou uma carne está cara, independente da questão que for, lá do outro lado, o cara que menos ganha é o que produz. Não é? O leite pro produtor é muito barato em relação ao que é vendido pra gente. A área urbana precisava ter mais informação do que é a vida na roça, tanto que sempre que a gente pode, tem muita gente que vai prum hotel fazenda, paga caro pra ter um pouquinho da vida do caipira. Então tem que valorizar um pouco mais.

**Domingos: Como será o caipira do futuro?**

**Reinaldo:** É. O caipira do futuro... Ele já existe. Tem uma música do Zé Mulato que gravou agora, ele fala que o trem está moderno demais, que a enxada hoje é elétrica, o cara liga a

enxada e sai roçando tudo. Hoje você vê o caipira, ele vai prum trator com ar-condicionado, GPS. Numa fazenda grande, por exemplo, não adianta você pegar uma pessoa que sabe trabalhar, se ela não souber operar um GPS bem operado, se ela não souber o básico de informática, não opera nem as colheitadeiras que tem hoje. Então o caipira do futuro é um caipira vivendo lá na roça com o que a gente tem aqui. Hoje você vai nas lojas, você vai numa feira agropecuária, por exemplo, vê maquinário que você fala: pra que serve isso? De tão moderno, então o caipira do futuro é um cara modernizado. Eu vou muito pro interior. Chego, por exemplo, no interior do Mato Grosso, a internet está na lavoura, o cara está lá no meio do mato e está na internet mandando mensagem pra alguém. O caipira hoje tira uma foto de um bezerro que nasce e manda pro patrão. O caipira hoje está muito próximo do que a gente tem aqui. O pessoal da cidade que acha que o caipira é um jacu lá no meio do mato que não sabe de nada, não tem acesso a nada, não! Tem casas lá no interior com as mesmas facilidades que a gente tem aqui, às vezes, até mais recurso porque lá eles não gastam o que a gente gasta aqui. Muitas vezes a pessoa tem mais recurso do que a gente só que está no interior e numa vida muito mais saudável, um ar mais puro, sem o trânsito, sem engarrafamento, sem nada. O caipira do futuro é um caipira que vai ter que estudar, ele vai ter que se preparar porque não vai ter espaço pro caipira que só sabe enfiar enxada no chão. Esse caipira vai ter que saber operar máquina, vai ter que ter um conhecimento a mais... Acho que é uma tendência, hoje você vai na fazenda, tem um escritório controlando quando é que as vacas vão entrar no cio, quais vão entrar, a partir de quando vai ser feita inseminação, a partir de quando vai ser feita uma monta. Hoje o caipira é moderno, não é mais aquele caipira só ali na coisa muito simples como era antes.

**Domingos: Você vê relação entre tradição e modernidade?**

**Reinaldo:** Eu acho que tradição, a modernidade vai vir com a evolução da sociedade como um todo. Na medida em que vai evoluindo, principalmente se a tecnologia está trazendo evolução e, às vezes, de maneira muito rápida. A tradição vai manter costumes, ela vai manter a base da sociedade. Quando a gente fala em tradição envolve tradição religiosa, tradição moral, se a gente perder essa tradição nós vamos ficar uma sociedade vazia. No meu entender a gente precisa dar um passo pra trás e voltar com algumas tradições. Tradição simples, o fato de tomar bênção, eu tomo bênção pra minha mãe até por telefone. O que é a bênção? Qual a diferença hoje pra moçada nova? Ela entra e sai da casa, tchau mãe, tchau pai. Nem entra. Isso quando dá tchau. A bênção te aproxima do filho. Teu filho chega, pra sair você dá uma cheiradinha nele: "Vai, Deus te abençoe." Ele voltou... Se ele estiver com cheiro de cigarro você vê, se ele estiver com cheiro de bebida você vê. Até nisso, esse simples gesto faz com que você possa ver o seu filho de perto, quando ele sai e quando ele chega. Hoje o filho sai, chega, o pai não sabe nem se está em casa. Então algumas tradições estão sendo perdidas e fazem falta. A questão moral, a questão da palavra, por exemplo, você falar com uma pessoa: vou estar tal dia e tal hora. E a pessoa cumprir horário. Procurar ser preciso, respeitar o próximo, isso na modernidade está se perdendo muito. Então a tradição mantém uma base pra sociedade no futuro.

**Domingos: Você acha também que tem coisas tradicionais que podem ser deixadas pra trás?**

**Reinaldo:** Eu acho que não. Tradição tem que ser lembrada sempre, porque senão ela cai no esquecimento e se você deixar pra trás perde referência. Eu acho que o que nós podemos deixar pra trás é a violência que existia, o machismo que existia antes, a agressividade com os filhos que era cultural e era tradicional. Ah, o homem bom é o homem que sai, vai pra zona, pega tudo quanto é mulher... “- Ó menino, você cresceu você já tem que sair atrás da mulherada.” É uma tradição antiga, essa tradição tem que acabar. Tudo aquilo que é ruim, negativo pra sociedade, pras pessoas como um todo, eu acho que tem que acabar, mas aquilo que é positivo tem que ser... É a questão da peneira, você deixa passar o que é ruim e fica com o que é bom. Acabar com as tradições ruins que existiam antes acho fundamental, não esquecer, botar ela num canto, falar: olha, no passado era assim. Quais eram os prejuízos que nós tínhamos? Uma mulher era oprimida, não podia trabalhar. Filho que não podia nem falar com o pai que apanhava, não existia diálogo, abertura pra nada. Então tirar aquilo que é ruim, colocar num lugar, falar: ó, o baú da infelicidade humana nas nossas tradições erradas é aquele ali. Você quer conhecer? Deixa eu te mostrar o que é. Era assim, assim, assim, por isso era ruim, evoluiu e chegou nesse nível de hoje, eu acho importante isso e manter o que é positivo. O que é positivo a gente mantém e vai ensinando pras novas gerações.

**Domingos: Você acha relevantes registros como esse que está sendo feito agora?**

**Reinaldo:** Eu acho fundamental. Antes não tinha registro, no máximo uma foto. Lembro que quando eu queria ver alguma imagem de alguém da minha família, tinha uma fotozinha num binóculozinho que você enfiava assim nos olhos e via só um quadradinho. Era a melhor imagem que eu podia ter de uma bisavó minha. Hoje, com a internet acredito até na perpetuação de imagem, você pega um CD, um vídeo, amanhã ou depois esse documentário vai estar em redes sociais, vai estar rodando aí. Eu vou soltando ele, vai funcionar como semente que o passarinho pega aqui e solta lá do outro lado. Você não sabe de onde aquela árvore, a origem daquela árvore que está lá na mata, pode ser uma sementinha que ele pegou lá no outro estado. Então esse tipo de registro é pra perpetuação mesmo, fundamental pra que outras gerações possam ver, pessoas vão ver e vão falar: “Deixa eu ver o que esse Reinaldo Cordeiro está falando, quem é esse caboclo aqui?” Então acho que essa iniciativa de vocês é fundamental pra manter o futuro, porque senão acaba e isso vale pra todos os segmentos, caipira, rock... Igual eu coloquei, mostrar o que era a vida no campo, acho que falta isso, ir lá, filmar, conversar com o produtor rural, falar: “Qual é a tua dificuldade? Qual é a tua vida? O que vai ser no futuro?” Registros como esse são fundamentais, é iniciativa que tem que ser parabenizada sempre.

*[Dedilha a viola]* Deixa ver se lembro... Engraçado, Luiz Gonzaga falou uma coisa interessante: “Quando eu passo um dia sem tocar eu sinto. Quando eu passo dois, três dias sem tocar minha banda sente. Quando eu passo mais de uma semana o público sente.” Cara,

tem dez dias que eu não toco viola. Engraçado como muda. Em dez dias, eu peguei hoje, aí você fica assim, parece que está... *[Dedilha a viola]* Vai lá. Vou fazer uma moda que está no nosso CD, "Caboclo sertanejo". É uma composição do Ênio Lima e do Messias Moacir.

*[Toca viola caipira e canta a música "Caboclo sertanejo", de autoria de Ênio Lima e Messias Moacir:]*

*Sou caboclo sertanejo*

*Nascido lá no sertão*

*Pra cantar moda de viola*

*Sempre foi minha inspiração*

*Quando ouço uma viola*

*Duas vozes cantando macio*

*Meu coração bate forte*

*Meu corpo dá um arrepio*

*Meu sangue é de sertanejo*

*Que corre na flor da pele*

*Pra defender o caboclo*

*Enfrento qualquer duelo*

*No braço desta viola*

*Vou defender meu sertão*

*Tudo que o Brasil tem de belo*

*Não cabe nessa canção*

*Quando abraço essa viola*

*Encosto ela em meu peito*

*Eu te agradeço meu Deus*

*Por ter me dado esse jeito*

*A música nasce da alma*

*Penetra no coração*

*São sentimentos profundos*

*Que trazem recordação*

**Reinaldo:** Boa! Moda do Ênio Lima e Gustavo Neto. Eu gravei de tudo um pouquinho, tem umas músicas mais besteirentas também, de vez em quando eu faço, aí tem a hora que faz, tem hora que a gente não faz. Tem uma “Pescando em Goiás”, composição do Ivan Moreno, eu sempre gosto de tocar ela e arrumar encrenca com pescador. Pescador sempre gosta de contar história e tal, aí eu fico brincando com os caras, essa música fala que o camarada, na verdade, ele não sai bem pra pescar, sai pra fazer bagunça [*Dedilha a viola*] Rapaz, eles fica tudo bravo comigo!

*[Toca viola caipira e canta a música “Pescando em Goiás”, de autoria de Ivan Moreno e Georgia:]*

*Quero ouvir moda sertaneja*

*Pescar na Serra da Mesa*

*Encher a cara de cerveja*

*Vamos pro Goiás*

*Ouvir o cantar da juriti*

*Comer arroz com pequi*

*Com suco de murici*

*Vamos pro Goiás*

*Comer tutu com leitão assado*

*Frango caipira com quiabo*

*Mulher, cachaça pra todo lado*

*Vamos pro Goiás*

*Quando eu chego em Goiás*

*Todo dia é feriado*

*Tá estressado*

*Vamos pescar*

*No Araguaia*

*Ou Corumbá*

*Ajunte as tralhas*

*Leve a canoa*

*Todo solteiro*

*Que a pesca é boa*

*Goiás é bom*

*É um colosso*

*Não sei quem disse que todo goiano é grosso*

*Vamos visitar Goiânia*

*Tem mulher linda demais*

*Quem quiser uma pesca boa*

*Tem que pescar em Goiás*

*Pescar piranha*

*Tucunaré*

*Se a isca acabar*

*Nós vamos pescar mulher*

*Pescar piranha*

*Tucunaré*

*Se a isca acabar*

*Nós vamos pro cabaré*

*[Recita] É rapaz, difícil é arrumar os cabras pra ir na pescaria!*

**Reinaldo:** *[Risos]* Rapaz, eu fui tocar essa música uma vez. Estava tocando no aniversário de um padre, estava tocando, brincando, tocando várias músicas e tudo. Aí o Keijinho, toca sanfona com a gente, sempre está comigo nos shows, eu comecei a tocar essa música. Quando comecei a tocar, rapaz, deu um risadão nele e ele olhava pra mim, ria, eu não entendia. Porque às vezes é muito automático, você está tocando, você solta uma música ou outra. Dependendo do show, você tem ali um set list, vai seguindo certinho, mas quando é

um show mais informal, você vai botando música. Quando olhei pra ele, falei assim: “Você vai cantar o quê?” Aí olhei pro padre, rapaz, quando chegou nessa parte... “- Padre, eu não sei pescar não, quem gosta de pescar é fulano, ciclano, beltrano...” Saí pro outro lado com as prosas, mas é uns apurinhos que você passa de vez em quando, quando você esquece. Esquecer... Foi um dia que eu passei apurado com o padre! Falei: essa música, se eu tocar, o padre vai me excomungar. Vou arrumar uma encrenca! *[Risos]*

**Domingos: Reinaldo, se você fosse uma música, qual seria?**

**Reinaldo:** Se eu fosse uma música... Rapaz, nunca pensei nisso... Eu acho que se eu fosse uma música, seria “Tocando em frente”. Porque já passei muitas coisas na vida e eu nunca fiquei olhando pra trás. Pra reclamar, pra murmurar. Eu usei todas as dificuldades que já vivi pra me fortalecer, pra eu dar um passo a frente e “Tocando em frente” pra mim é isso. A gente tem que viver cada dia como se ele fosse o único. Essa composição do Renato Teixeira e do Almir Sater mostra isso, que cada um compõe a sua história, cada um escreve o seu livro da vida. Todos nós nascemos um livro em branco e eu é que escrevo a minha história. A gente sabe que a influência dos pais ajuda o direcionamento, muda de uma pessoa pra outra, mas Deus foi tão sábio que ele fez todo mundo igual. Ninguém nasce melhor do que o outro. A diferença talvez esteja em quem é que vai te ajudar nas primeiras páginas. São as primeiras páginas que vão definir o final do livro. Talvez nas primeiras páginas, se não forem escritas corretamente, no meio você vai ter um trabalho enorme pra corrigir o que faltou no início, mas é você que escreve o final da tua história. Então se eu fosse uma música seria “Tocando em frente” porque todos os dias eu tenho um motivo pra dar um passo pra frente. E todos os dias estou com a caneta da minha vida na minha mão.

**Domingos: Pra você o que é memória?**

**Reinaldo:** Memória pra mim é o registro de tudo que você passou. Bom ou ruim. E nós temos que ter as duas memórias, a memória boa e a memória ruim, porque eu já fiz coisas que eu olho pra trás e falo, hoje eu não faria, é exatamente a maturidade que vai chegando com os anos. A impulsividade que você tem na juventude, aquele rompante, lá na frente você não tem. Igual a música mesmo fala: “eu ando devagar porque já tive pressa.” Hoje eu dou cada risada que falo: “Ah, isso aí não vai dar em nada.” Porque eu já sei que não vai chegar a lugar nenhum. Tenho uma filha com vinte e seis anos, tenho um menino com doze anos. Então hoje eu olho, bom, eles começam a passar determinadas coisas, eu falo: isso aí, essa dificuldade pra mim é muito simples. Mas eu sou obrigado a esperar eles passarem pela dificuldade, às vezes você só dá um empurrãozinho aqui ou acolá. Então memória pra mim é o registro de tudo, eu tenho que ter memória. E só tem memória quem tem coragem de viver. É preciso ter coragem de viver a vida pra você poder ter memória. Ficar escondido atrás de um quarto, ficar escondido atrás da vida dos outros não te traz memória. Memória é isso pra mim.

**Domingos: E o que é a vida?**



**Reinaldo:** É o dom maior que Deus deu pra gente. A vida pra mim é o que tenho de mais precioso. Deus me deu a vida e só me deu uma, acredito que a gente só tem uma vida, nessa passagem nossa na terra só tem uma. Eu, como cristão, como católico, acredito na vida eterna, mas que depende do que eu fizer aqui. Ela pode ser muito boa no futuro, ninguém sabe do lado de lá como é. A conversa que se tem é que a vida no céu é boa e a do inferno é ruim demais, então eu quero viver bem essa vida pra merecer o céu. Todos nós somos chamados à salvação, todos nós. Quero viver bem, aproveitar cada momento, tomar um banho, como tive oportunidade essa semana, tomar um banho num mar frio danado com meu filho e rir, falar: “Meu filho, vamos fazer igual cavalo, vamos esfriar de baixo pra cima. Primeiro vamos esfriar as canelas que o corpo depois vai acostumando.” Brincar com ele, brincar com a minha filha, brincar com a família. Viver os momentos difíceis com a certeza que Deus está do meu lado, pra poder passar por cada um e aproveitar tudo. Porque eu vou ter coisas muito boas na vida e vou ter coisas ruins, mas se eu não me fortalecer pra ser grato nas coisas boas, na hora que tiver as ruins eu só vou ter lamúria, lamentação, reclamação. A vida pra mim é o dom maior que eu tenho.

**Domingos:** Qual mensagem você pode deixar pra quem está começando na viola, começando na música?

**Reinaldo:** Olha, a música nunca vai te deixar só. Ela vai ser um grande companheiro seu. Vai te ajudar na questão da comunicação, vai te ajudar a quebrar paradigmas, vai te abrir a mente pra saber se você vai ser criticado, você vai ser aplaudido de um lado e vai ser criticado do outro. Vai ter gente que vai se aproximar de você pelo interesse do que você tem, o fato de você tocar, muitas vezes a pessoa se aproxima só porque você toca, porque ela quer um animador pra uma festa dela, é bom ser seu amigo pra uma hora você estar lá tocando. Mas a música é de uma riqueza tão grande, ela te dá uma paz, tem um ditado antigo: quem canta os males espanta. A música vai te trazer alegria, muito mais do que você imagina, então se dedica. Como estava falando agora há pouco, Luiz Gonzaga, numa entrevista, uma vez eu vi ele falando que quando ele deixa de tocar um dia ele sente, dois, três dias a banda sente e mais do que isso o público sente. Então toque todos os dias, cante. Você vai levar alegria pras pessoas e vai se alegrar muito mais. Porque quando eu toco e vejo uma pessoa sorrir, eu me alegro muito mais do que a pessoa possa imaginar. Quando a pessoa chega pra mim e fala: “Olha, eu me emocionei com você tocando.” Ou: “Olha, eu queria dar de presente pra minha mãe, um show seu, como que eu faço?” Isso pra mim não tem preço, como já teve pessoas que falaram: “Olha, eu quero levar você pra tocar pro meu pai numa fazenda.” Aí eu chegar lá, encontrar um professor meu da faculdade e falar: “É meu pai. Você está tocando pro meu pai.” E virar uma briga porque todo mundo queria pagar o show e a moça que me contratou, foi num show num teatro, gostou e me contratou diretamente, ela quis presentear os pais. Pra mim não tem preço quando uma pessoa senta numa cadeira perto e brilha os olhos, fica vendo cada detalhe. Música é isso: música é alegria, é vida, é paz.

**Daniel:** Você poderia tocar aquela instrumental?

**Reinaldo:** Pode!

*[Toca na viola caipira a música instrumental “Espelho das águas” de sua autoria]*

**Domingos: Reinaldo, o que você sente ao tocar viola?**

**Reinaldo:** Paz. Quando eu toco viola eu sinto paz. É uma sintonia. É uma coisa difícil de explicar porque você tem que sentir, só quem está tocando pra sentir isso. A viola é uma união. Tem uma frase que há um tempo atrás escrevi: a música é a harmonia do corpo e alma. Pra mim a viola é uma harmonia, eu sinto como se ela fizesse parte de mim mesmo, não é um elemento separado. Ela não é um objeto separado, a viola faz parte de mim. Eu interajo e esqueço do mundo, quando estou tocando viola é eu e a viola. Eu, a viola e Deus. Religiosamente falando é Deus, a viola e eu. Nesse momento é um momento só nosso.

**Domingos: Maravilha! Tem alguma coisa que você gostaria de falar que a gente não tenha perguntado?**

**Reinaldo:** Rapaz, você perguntou coisa que eu nem imaginava que você fosse perguntar! *[Risos]* Cara, pra mim está tranquilo.

**Sara: Posso perguntar uma coisa? Os lugares que você passa ou que você passou, de que forma influenciam na escolha do seu repertório? E de alguma forma também o cerrado, Brasília, Goiás, qual é essa relação? Você cantou uma música do Goiás, você trouxe um monte de elementos, trouxe o pequi, trouxe um monte de coisa, trouxe uma coisa também de relaxamento... O Goiás também adentra no Distrito Federal? Como é essa relação?**

**Reinaldo:** É como eu falei no início, Brasília tem um pouquinho de cada coisa, não é?

**Sara: Sim.**

**Reinaldo:** A minha família, minha avó teve dez filhos, então eu tenho pessoas que nasceram no Mato Grosso do Sul que é uma influência direta. Quando vou lá escuto o Almir Sater, são músicas da região, uns rasqueados, umas guarânias, uns chamamés e na minha família tem nordestino. E eu estou em Brasília, então acabo convivendo com várias culturas. A influência pra escolha do repertório é porque como eu rodo o Brasil, não posso fazer um show e direcionar pro Mato Grosso do Sul, um lugar que se eu pudesse, hoje, estaria morando lá, pela família. Não é menosprezar nenhuma outra região, acho a região Sul muito linda também, mas exatamente por eu estar em Brasília e ter amigos de várias regiões, eu busco, no repertório, sempre agradar um pouquinho de cada um. E outra coisa que seleciono também é porque nós temos uma riqueza, não é? O pequi. Aí você vai lá no Mato Grosso do Sul, vai tocar uma música do Almir Sater *[Toca trecho instrumental na viola]* Eu vou agradar aquelas pessoas. Eu acho que como músico, como profissional da música, não tenho que

tocar pra mim. O meu momento de tocar pra mim é igual eu fiz esse instrumental “Espelho das águas”, é meu. A hora que eu estou na minha casa, na varanda ou entre amigos. Aí me lembro de uma música, canto uma, paro no meio do caminho, tomo um gole de uma cervejinha, paro no meio do caminho e conto uma piada, brinco com outro. Minha esposa até fala que eu, pra contar piada, sou melhor como violeiro, mas observo tudo isso, essa influência. Igual a gente falou, a riqueza do Brasil é muito grande, então não posso me prender só. Estando em Brasília, eu tenho que tocar um pouquinho de cada coisa, porque no meu show vai ter o nordestino. Um tempo atrás fiz um show chamado “Viagem brasileira.” Era exatamente uma viagem onde eu pegava músicas minhas e algumas músicas conhecidas, um passeio pelo Brasil tocando desde “Milonga pelas Missões” que é do Gilberto Monteiro, que Renato Borghetti popularizou ela, até tocar uma música do Papete, lá do Norte. Então fui fazendo um passeio e inserindo músicas nossas. Os compositores mandam pra mim muita coisa boa, graças a Deus, a gente tem recebido muito material. Aí na hora de selecionar eu seleciono, no meu disco tem bateria, violão, sanfona, contrabaixo, tem tudo. Eu não faço a caipira cem por cento tradicional, voz, violão e viola, até porque quero que a meninada jovem escute. Então cururu vai ser um cururu, só que ele vai ter uma bateria marcando, ele vai ter um contrabaixo marcando, eu toco os elementos da música caipira dentro do caipira moderno, porque o menino lá na roça hoje não vai ouvir voz, violão e viola não. Eu consigo ouvir, mas o meu filho, por exemplo, não tem muita paciência, o de doze anos. Eu ponho um disco só de voz, violão e viola, ele fala: “Pai, põe Ênio Lima e Gustavo Neto. Pai, põe não sei quem...” Então eu preciso trazer. Sua pergunta foi muito bem colocada, influência direta, direta, direta. Vou lá, vejo o que meu tio está fazendo lá no interior do Mato Grosso, isso aqui dá uma música, eu vou e faço uma música. Igual tenho algumas composições, o primeiro disco foi todo autoral. O segundo disco tem mais músicas minhas. O terceiro CD veio só uma canção minha, porque eu tinha tanto material que falei: não vou fazer autoral, vou explorar outros cantores. Esse agora vem uma parceria, no próximo CD, vai ter uma música minha em parceria com Edelson Moura e até lá eu tenho música que estou querendo fazer, se der tudo certo vou botar mais uma ou duas. Mas é influência direta.

\*\*\*\*